

A PESSOA ESPIRITUAL E SUA CONSCIÊNCIA MORAL

THE SPIRITUAL PERSON AND YOUR MORAL CONSCIENTIOUS

Marcos Vinicius da Costa Meireles

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo. Este artigo se propõe a discutir a manifestação da dimensão profunda-espiritual do ser humano por meio de sua consciência moral tendo como aporte teórico o pensamento de Viktor Frankl. Este autor concebe a pessoa como uma integridade articulada, e a vê como ser bio-psico-espiritual. A dimensão espiritual, que, em parte, se encontra imersa no inconsciente, tem a tarefa de trazer pela intuição a pessoa profunda-espiritual, ou seja, a dimensão espiritual apresenta não o ser que é, mas um ser que ainda não é, isto é, que deveria ser. É, portanto, necessária uma resposta pessoal, que se concretize com o desvelamento dos sentidos ocultos nas situações. Todavia, a consciência (Gewissen) o capacita a se lançar singularmente na busca das realizações que conferem sentido à sua existência. Por esta razão, a consciência dirige-se para algo pessoal, apresentando um “deveria-ser” individual. Não é um ditame abarcado pela “lei geral” que a consciência provê, mas uma prescrição da “lei individual”. É o que Frankl define como um “instinto ético” que se contraporá à razão prática. Viver uma vida conscienciosa é, desta forma, estar intimamente ligado, ainda que inconscientemente, à espiritualidade..

Palavras-chave: Consciência Moral. Dimensão Espiritual. Pessoa profunda-espiritual.

Abstract. This article proposes to discuss the manifestation of the human being's deep-spiritual dimension through his moral consciousness having Viktor Frankl's thoughts as theoretical substract. This author conceives the person as a articulated integrity, and sees her as a bio-psycho-spiritual being. The spiritual dimension, partly immersed in the unconsciousness, has the task of bringing by intuition the deep-spiritual person. In other words, the spiritual dimension searches not for the being that it is, but the being that still not is, or the being that it's suppose to be. Therefore it is necessary a personal answer that materialize itself with the unveiling of hidden meanings in the required situations. Therefore, he is empowered by moral conscience to singularly throw himself in the search of the truths that give him meaning. For this reason, the conscience leads him to something personal, presenting to him what the individual "should-to be". It is not a dictate encompassed by the "general law" that the conscience provides, but a prescription of a "personal law". It is what Frankl defines as an "ethical instinct" that contrasts with practical reason. To live a conscientious life is, in this way, to be connected to spirituality even unconsciously.

Keywords: Moral Consciousness. Spiritual Dimension. Deep-Spiritual Person. Viktor Frankl.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação, que trata sobre a manifestação espiritual na consciência moral, baseia-se na obra *A presença ignorada de Deus* de Viktor Frankl. Este nasceu em 26 de março de 1905, em Viena, e faleceu em 1997. Estudou medicina na Universidade de Viena e se especializou nas áreas de neurologia e psiquiatria. Também lecionou em Viena, posteriormente. Mais tarde, também foi docente na Universidade Internacional da Califórnia, Harvard, Stanford, Dallas e Pittsburgh. Filho de uma família judia, em 1942, foi deportado, com sua esposa e pais para os campos de concentração. Em 1944, Frankl vai para Auschwitz e somente em 1945 é libertado do holocausto pelo exército norte-americano, porém sua esposa, pais e irmãos morreram nos campos de concentração.

Foi psiquiatra e neurologista, fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, a Logoterapia, tem uma abordagem considerada fenomenológica, existencialista, humanista e teísta (Coelho Junior & Mahfoud, 2001), buscando compreender a existência através dos fenômenos especificamente humanos, identificados a partir da dimensão noética ou dimensão espiritual, que no seu dinamismo próprio, estimula a uma vivência própria de si. Noutro termos, seu empenho filosófico se caracteriza, pelo esforço de compilar e transmitir uma visão mais digna e integral do ser humano com todas as suas dimensões. O ser humano passa a ser concebido como pessoa que transcende o nível psicofísico e puramente imanente e alça voo para a dimensão espiritual, encontrando na sua dimensão existencial, que é profunda e autêntica, o seu próprio ser singular.

1. O INCONSCIENTE ESPIRITUAL FRANKLIANO

A teoria essencial do pensamento frankliano é de que a necessidade mais elementar do ser humano pelo sentido da vida. Sentido este, que tem caráter motivacional para lançar o ser humano em uma busca que o torne singular. Para Frankl, os sentidos estão presentes nas situações concretas e cotidianas da vida. O ser humano está colocado diante delas e deve decidir pessoalmente sobre eles. Tal decisão implica num modo próprio de escolha, não é escolher o que os outros escolhem - conformismo, ou o que outros mandam escolher - autoritarismo, mas sim uma escolha de caráter singular, pois o sentido é único e exclusivo a cada pessoa, sendo ela capaz de desvelar o sentido oculto em cada situação, ou seja, suas características muito pessoais, em maior ou menor grau, revelam grande capacidade de perscrutar sentido profundo nas mais variadas situações.

A concepção antropológica no pensamento de Frankl é que há uma unidade em meio a uma realidade tridimensional, o ser humano é concebido como bio-psico-espiritual. Tais realidades presentes no ser humano podem ser compreendidas em esfera da facticidade, onde estão presentes o corpo e a psique, e esfera da existência, sendo a primazia da dimensão espiritual. Para desvelar os sentidos ocultos nas situações, o ser humano deve estar em sintonia com sua dimensão espiritual. Esta dimensão de característica inconsciente é considerada a dimensão distintiva do ser humano por conter as possibilidades de uma existência e por motivar a concretude de tais possibilidades. O espiritual não é o lugar de um ser que é, mas de um ser

que não é, ou seja, é o lugar de um ser que deveria ser. É o lugar da realização.

Ao conceber o conceito de inconsciente espiritual, Viktor Frankl está superando uma tradição vigente no século XX, advinda de um avanço científico que preconiza a pessoa dentro dos moldes positivistas e materialistas, sendo esta concebida impulsionada e determinada pelo seu aparelho psíquico. Tal visão objetiva tira da pessoa seus aspectos subjetivos. Com isso a integralidade antropológica é reduzida a uma operação corpo-mente, cuja realidade inconsciente é pertencente aos instintos e repressões, sendo a pessoa justificada pela sua realidade material.

A análise existencial de Frankl apresenta um novo conceito de ser humano. O inconsciente espiritual é ampliado, pois não é lugar apenas de uma instintividade e repressões, mas da essência¹. “Em lugar do automatismo do aparelho psíquico, preconiza a autonomia da existência espiritual” (Frankl, 1997, p.15). Com isto, o inconsciente não é apenas o lugar de uma profundidade instintiva, mas de uma real profundidade: a espiritual. A análise existencial ressalta uma característica que a filosofia contemporânea utiliza e que ocupa um lugar de destaque na logoterapia: a existência, cuja essência mais profunda é a de ser responsável. A ampliação do inconsciente destaca no ser humano a sua singularidade e autonomia de decidir sobre si e sobre as coisas, “é daí que brotam as inspirações artísticas, a religiosidade, as crenças e as intuições que possibilitam o livre arbítrio” (Fabry, 1984, p. 51).

¹ Entendido como condição de possibilidade, fundamento de possibilitação.

Ser responsável é responder à pergunta que a vida lhe faz sobre a existência e que carece ser com sentido. O ser humano responde, pois não é ele que inquire sobre o sentido da vida, mas é o próprio interrogado e quem deve responder. Resposta esta que não tem característica retórica, mas de concretude. O ser humano através dos atos responde sobre o sentido. Com isso, ressalta-se a singularidade, sendo que o sentido é diverso em possibilidades, mas único a cada pessoa, apenas ela própria pode assumir uma atitude perante algo ou alguém. As respostas são as atitudes dadas, isto é, a responsabilidade assumida no aqui e agora de cada situação.

Nessa constituição de ser bio-psico-espiritual, a pessoa tem o psicofísico, mas não tem a si, ele é si mesmo. O psicofísico é parte de sua constituição, mas não de sua determinação; o que define o ser humano como pessoa é uma vivência calcada na espiritualidade que primeiramente é inconsciente. “A verdadeira ‘pessoa profunda’, ou seja, o espiritual-existencial em sua dimensão profunda, é sempre inconsciente. Isto significa que a ‘pessoa profunda’ não é apenas facultativamente, mas obrigatoriamente, inconsciente” (Frankl, 1997, p. 32).

No hiato ontológico entre a facticidade e a existência, o corpo e a psique isoladamente não são capazes de auxiliar na escolha das atitudes a serem assumidas, pois possuem relação com o fato e não com a existência propriamente. Isso faz com que se possa concluir que as atitudes responsáveis brotam do espiritual, pois a verdadeira pessoa, a profunda-espiritual, não é apenas a que decide, mas ser pessoa significa também necessariamente ser indivíduo.

Como tal, porém, está sempre centrado, centrado em torno do meio, em torno de seu próprio centro. O que, porém, se encontra neste centro? O que preenche este meio? Lembremo-nos daquela definição de Max Scheler sobre a pessoa: ele a compreende como detentora, mas também como “centro”, de atos espirituais. Sendo, porém, a pessoa aquela da qual se originam os atos espirituais, ela também constitui o centro espiritual em torno da qual se agrupa o psicofísico (Frankl, 1997, p. 20).

Tal centro por ser uma realidade de possibilidades e que ainda não se concretizou é uma ‘realidade de execução’, pois só pode ser adimplida como resposta às necessidades da vida, sendo também irracional por sua característica inconsciente e pré-lógica, pois só posteriormente a entendemos. Tal realidade de execução manifesta-se através da consciência e da responsabilidade. Duas realidades ontológicas que se apresentam como fenômenos primários por serem próprias da pessoa-espiritual em uma vivência existencial. Realidades que sempre estiveram contidas no ser humano, mas que necessitam de uma escolha em assumi-las.

O ser humano tem a tarefa de desvelar o sentido presente nas situações, pois a necessidade de sentido é a mais elementar das necessidades e a consciência tem a capacidade de “farejar” no aqui e agora de cada momento este significado específico. A consciência tem a tarefa de formular ao indivíduo a possibilidade de realizar concretamente em cada situação os valores (Peter, 2005).

Sentido só precisa, mas também pode ser encontrado, e na busca pelo mesmo é a consciência que orienta a pessoa. Em síntese

a consciência é um órgão de sentido. Ela poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação (Frankl, 1997, p. 68).

Para Frankl, a consciência possui duas realidades: em nível ôntico é a consciência² em sua realidade como “órgão de sentido”, e anterior a esta realidade, como fenômeno primário, em nível ontológico está a que procuramos perscrutar, a consciência moral³. Não é a consideração de duas consciências, mas uma única com realidades distintas, pois a consciência nasce da dimensão existencial e apenas em parte é consciente.

Na verdade, também aquilo que chamamos de consciência se estende até uma profundidade inconsciente, isto é, tem suas origens num fundo inconsciente: justamente as grandes e autênticas (existencialmente autênticas) decisões na existência humana ocorrem sempre de maneira irrefletida e, portanto inconsciente. Na sua origem, a consciência está imersa no inconsciente (Frankl, 1997, p. 26).

Resumindo: podemos inferir que no núcleo central da pessoa, a dimensão espiritual, se encontra o projeto de um ser individual. Por meio de sua consciência existencial, a moral, lhe é antecipado um ser que deveria ser, ou seja, a possibilidade de concretude deste ser moral.

² *Bewusstsein* – Em alemão significa “conhecimento do que se passa em nós”. (Nota de rodapé presente em Frankl, 1997, p.23).

³ *Gewissen* – Em alemão significa a “faculdade de estabelecer julgamentos dos atos morais realizados”. (Nota de rodapé presente em Frankl, 1997, p.23).

Aqui é necessário realçar a distinção entre pessoa espiritual e pessoa profunda-espiritual. A primeira é a realidade de alguém que busca na concretude a vivência da dimensão espiritual, podendo ser consciente ou inconsciente; é o projeto já antecipado pela consciência moral.

A segunda realidade a qual nos referimos, a profunda-espiritual, constitui a verdadeira pessoa; ela é necessariamente inconsciente por conter o projeto de individualidade, é o núcleo de onde brotam as condições de se elevar acima dos condicionamentos e tornar-se si mesmo. Tratemos agora da consciência moral, instrumento do qual o ser humano é dotado e que antecipa intuitivamente o projeto contido neste núcleo pessoal, possibilitando uma vivência espiritual pela pessoa.

2. A CONSCIÊNCIA MORAL

No processo de construção da pessoa em conformidade com seu modo de ser mais próprio, sua pessoa-profunda-espiritual, a consciência desempenha papel essencial. Esta atua na existência mostrando as possibilidades de realização e auxiliando para que tais escolhas sejam realizadas. Em sua dupla realidade, a consciência é consciente e inconsciente, ôntica e ontológica, possuindo funções distintas, o que acontece em vista da integralidade da pessoa em seu processo de tornar-se si mesmo.

A consciência (*Bewusstsein*) torna-se acessível um ser que é (*Seinendes*), a consciência moral (*Gewissen*), ao contrário, não um ser que é, mas ser que ainda não é, ou seja, um ser que deveria ser (*Sein-sollendes*). Este ser que deveria ser não é, portanto, real, mas algo que ainda precisa

tornar-se real; não é real, mas meramente possível (embora, num sentido mais elevado, esta simples possibilidade representa novamente uma necessidade) (Frankl, 1997, p. 27).

A vivência existencial, partindo de uma simples possibilidade que o espiritual indica à uma necessidade de realização para que a vida seja vivida com sentido, é concebida na perspectiva de Frankl, dentro de uma dinâmica dos fenômenos primários. É o dinamismo entre ser-responsável e ser-consciencioso. Tais realidades são inerentes, pois o ser humano é incondicionalmente um ser que decide e cuja força de decisão encontra-se enraizada na sua profundidade espiritual, lugar do ser possível.

O ser-que-deveria-ser encontra-se em uma inconsciência, não podendo acontecer se primeiramente não for antecipado pelo espiritual, que é inconsciente por conter um projeto, a possibilidade do existir, que pode se tornar real pela atitude assumida, mas que anteriormente lhe é antecipada pela consciência moral. Tal antecipação no pensamento de Frankl recebe o nome de intuição. É considerada a própria voz da transcendência. A consciência moral possui, portanto, uma função essencialmente intuitiva de apresentar um ser possível que se tornará a necessidade de um ser real.

A autêntica consciência, a que Frankl apresenta, não é a que se herda dos pais, da religião ou da sociedade em que se está engajado. Esse fenômeno especificamente humano deve ser levado a sério. É necessário “ouvir” a consciência, se se deseja uma autenticidade na vida. É necessário estar atento aos apontamentos que a consciência

fornece perante as situações. “Responder à voz” da consciência é uma atitude de não passividade perante os apontamentos que ela fornece, é tomar atitudes perante as situações, é confiar na intuição, para que possa se realizar a pessoa profunda-espiritual (Meireles, 2011, p. 34).

É por estar imersa no espiritual que tal consciência apresenta-se como a voz da profundidade que diz à singularidade. Como num ato de visão, a consciência percebe na realidade em que a pessoa está inserida o sentido existencial que necessita ser desvelado e assumido. Neste sentido, a consciência ética (*ethos*) é primeiramente irracional, e só posteriormente racionalizável.

Ao procurar exemplificar o processo de intuição da consciência moral, Frankl apresenta um fenômeno análogo, o amor. O *eros* é igualmente irracional e intuitivo, pois percebe um ser que não é, mas que poderia ser onde com isso se descobre valores na pessoa que se ama. “Somente o amor, somente ele, é capaz de ver a pessoa na sua singularidade, como indivíduo absoluto que é. Neste sentido, o amor possui importante função cognitiva” (Frankl, 1997, p. 29).

A moral se efetiva sempre de um modo concreto em um ser que se encontra diante de uma situação a qual o impele a antecipar intuitivamente o ser-que-deveria-ser percebido pela consciência moral como um ser possível, o qual anseia sua realização numa posterioridade (Moreira; Abre & Oliveira, 2006, p. 631).

Neste sentido, a consciência moral com característica essencialmente intuitiva é considerada por Frankl como irracional, por não ser completamente racionalizável em sua realidade de execução, da mesma forma que todo chamado exame de consciência só é concebível *a posteriori*. Também é pré-lógica por ser ontologicamente uma pré-compreensão do ser e pré-moral por ser anterior a qualquer moral explícita, sendo a consciência moral, portanto, inescrutável e apenas exequível. Destarte, a moral não é algo externo ao ser humano, mas intrínseco a ele, sendo a consciência moral responsável por intuir este modo de ser, estando ela inserida nesta realidade inconsciente.

3. A VIVÊNCIA ESPIRITUAL

A consciência *Gewessin* conduz o ser humano a uma vivência existencialmente moral. Tal vivência surge por meio da antecipação espiritual da pessoa profunda-espiritual como expressão de possibilidade, que ao confrontar-se com as situações se transforma em necessidade de realização. A atitude essencialmente humana é a livre e responsável escolha. O ser humano é livre para trabalhar a favor ou contra suas intuições espirituais. Experimentar a realização concedida pela dimensão espiritual é entrar em uma compreensão pré-moral dos valores humanos, anterior à conduta e ao ato moral que será experienciado.

A moral não é uma exigência externa que ressoa sobre o homem e o constitui como um ser moral, mas exatamente o oposto: uma exigência proveniente de sua interioridade espiritual orientada para fora, para além de sua existência, para uma experiência que o transcende, pois o humano é a busca de sentido que se faz no

enlaçamento com o outro. (Frankl, 1978, p. 32).

A vivência segundo a consciência moral está assentada em uma existência espiritual, que segundo Frankl, levando-a as últimas consequências, culminará com o que ele define como transcendência da consciência. Esta não tem uma voz que diz na singularidade, ela é a própria voz da transcendência. “Somente o caráter transcendente da consciência faz com que possamos compreender o homem, e especialmente sua responsabilidade num sentido mais profundo” (Frankl, 1997, p. 41).

Segundo Frankl, a voz da transcendência que é a consciência moral, não provém do ser humano, pois a consciência como um fato psicológico imanente remete por si mesma a uma transcendência. Não se sabe a origem desta instância extra-humana a qual a consciência moral se dirige, mas é possível afirmar que é de caráter pessoal levando cada pessoa a uma reprodução ou imagem fiel de si.

É justamente tarefa da consciência revelar ao ser humano “aquele único necessário”, o que é sempre algo exclusivo. Trata-se daquela possibilidade única e exclusiva de uma pessoa concreta numa situação concreta, possibilidade à qual Max Scheler quis se referir com o conceito de ‘valores de situação’. Refere-se, portanto, a algo absolutamente individual, a um ‘deveria ser’ individual que não pode ser abarcado por nenhuma ‘lei geral’ (Frankl, 1997, p. 27).

Assim sendo, a moralidade sempre se manifesta sobre a face de uma escolha a qual Frankl (1992) diz ter origem no inconsciente. A moral está entretecida a uma profundeza

espiritual e se expressa como resposta – atitude diante das situações. É uma moral que não deve ser entendida no molde pragmático kantiano, pois como já dito, não é um conhecimento *a priori* e nem uma moral com pretensão universal. Ao contrário de uma lei universal que rege em caráter genérico e esquemático como nos animais, por meio do seu instinto vital, o ser humano é guiado por um instinto ético, cuja eficácia deste é garantida por dirigir o ser humano na singularidade que lhe é própria e concreta.

Assim uma vida a partir da consciência é sempre uma vida absolutamente pessoal dirigida a uma situação absolutamente concreta, àquilo que possa importar em nossa existência única e individual: a consciência considera sempre o “aqui” (Da) concreto do meu ser (*Sein*) pessoal. (Frankl, 1997, p. 28).

O ser humano para Frankl não é um ser condicionado pela cultura, sociedade ou pelo seu aparelho psíquico, ao contrário, é um ser incondicionado e por isso é um ser ético, pois suas atitudes não estão pautadas em obrigações externas, mas em uma necessidade que lhe é interna. A transcendência faz parte da constituição do ser pessoa e desta forma o ser humano está sempre se orientando para qualquer coisa diversa dele próprio, seja um sentido que se possa realizar, seja outro ser humano que venha a encontrar e amar, seja ainda uma causa à qual se consagre ou, finalmente, um Totalmente Outro em quem possa crer.

A manifestação da pessoa profunda-espiritual na consciência moral tem por princípio dirigir a conduta humana à finalidade

de encontrar a satisfação do ser humano, sendo esta, não um fim em si mesmo, mas orientada à vivência alteritária, pois “o homem realiza-se não se preocupando com o realizar-se, mas esquecendo-se de si mesmo e dando-se, descuidando-se de si e concretamente seus pensamentos para além de si” (Frankl, 2005, p. 29).

CONCLUSÃO

Assim se percebe que a consciência moral, ou melhor, a voz da transcendência, fala ao ser humano em vista de realizar uma vivência singular no mundo. Na sua função essencialmente intuitiva, a consciência tem a tarefa de desvelar ao ser humano aquele “único necessário”. Ela conduz a uma transformação do meramente possível a uma necessidade de tornar-se concreto. É expressão do interior que plasma o exterior. Desta forma, uma vivência moral é uma vivência espiritual, não um impulso determinista da atividade psíquica, mas uma intencionalidade da existência humana.

A dimensão distintiva do ser humano aponta para uma direção que ultrapassa o existir pessoal em vista de uma alteridade. Não sendo um ditame genérico o que a consciência provê,

mas uma prescrição da lei individual. Logo, a moral não é algo externo ao ser humano, mas intrínseco a ele, mais ainda, é uma capacidade que lhe possibilita tornar-se autêntico.

A autotranscendência é uma capacidade ontológica do ser humano que ressalta a sua busca por sentido, ultrapassando os limites psíquicos e biológicos em direção à existência. Ao aceitar as intuições, o ser humano pode elaborar com sua consciência um diálogo, podendo atribuir a este diálogo uma característica de experiência religiosa. Não procuramos desenvolver este ponto nesta comunicação, mas fazemos questão de apontar uma abordagem deísta no pensamento de Frankl.

Resta concluir que a dimensão existencial-espiritual está em todos. Depende do ser humano perceber, aceitar e viver essa dimensão, como uma manifestação espontânea, que faz no amor ou na dor, a consciência encontrar novas formas de ser, criar e conviver livre e respeitosamente. Essa força espiritual leva-o a enfrentar os problemas da existência, descobrindo um para que viver enquanto a vida pulsa.

REFERÊNCIAS

- Fabry, J. B. (1984) *A busca do significado*: Viktor Frankl, Logoterapia e vida. 4.ed. São Paulo: ECE.
- Frankl, V. E. (1978) *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Frankl, V. E. (1997) *A presença ignorada de Deus*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2005) *Um sentido para a vida*: Psicoterapia e humanismo. Aparecida: Idéias e Letras.
- Coelho Junior, A. G, & Mahfoud, M. (2001) As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: Distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 12, n. 2.

Meireles, M. V. C. (2011) *A existência autêntica: uma busca na dimensão espiritual do ser humano*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Faculdade São Luiz, Brusque, SC.

Moreira, J. O; Abreu, A. K. C & Oliveira, M. C. O. (2006) Moralidade e sociabilidade em Frankl: Um norte para superação da violência. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 633 (627-635), (set./dez.).

Peter, R. (2005) *Viktor Frankl: A antropologia como terapia*. 2. ed. São Paulo: Paulus.

Enviado em: 04/02/2015

Aceito em: 15/03/2015

SOBRE O AUTOR

Marcos Vinicius da Costa Meireles. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade São Luiz (2011); especialista em Educação Empreendedora pela Universidade Federal de São João del Rei (2014); mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015); doutorando em Ciência da Religião, área de filosofia da religião, pela Universidade Federal de Juiz de Fora; membro do NERELPSI - Núcleo de Estudos Religião e Psique; membro do NEFIR - Núcleo de estudos e pesquisa em Filosofia da Religião; revisor da revista *Sacrilegens* - PPCIR/UFJF. Tem experiência na área de Filosofia e Análise Existencial de Viktor Frankl, atuando principalmente nos seguintes temas: religiosidade, sentido de vida, existência, dimensão espiritual.